



A mãe

Meir Kucinski*

Já que tenho escrito a respeito de pessoas estranhas e casos irrelevantes, porque então, não escrever sobre a minha própria mãe, que me deu à luz, nutriu, ninou e me aprumou?

Eu era o sexto... antes de mim havia três irmãos e duas irmãs; depois de mim, dois irmãos e duas irmãs.

Quando as pessoas lhe perguntavam, à mãe, quantos filhos possuía, ela costumava responder com uma charada: "Se cada um dos meus filhos tiver tantos filhos quanto possuo, terei cem netos, então, adivinhem, quantos filhos possuo?"

E se lhe perguntavam, a seguir, de qual dos dez filhos gostava mais, ela costumava responder sorrindo, assim: "Dez filhos? Eu tenho um único Azriel, não, dez... um Hersch, e não dez... como posso responder de quem gosto mais? Eu não tenho dez... cada um é único...".

Não surpreende que ela se lembrasse com exatidão, quando cada um aniversariava e preparava, logo de manhã, para o aniversariante, um ovo cozido... nós esperávamos, por assim dizer, um ano inteiro por esse presente primoroso...

Agora vou contar algo a respeito de sua linhagem: acredito piamente que seu assento no paraíso (não tenho nenhuma dúvida, que está sentada lá) não vai balançar, quando eu revelar sua linhagem honesta e laboriosa.

Seu pai, Meir-Itzhak Kurtk, foi soldado do czar Nicolau e serviu durante vinte e cinco anos, tendo lutado na guerra da Rússia com a Turquia. Quando se casou com a avó Khava, ele ainda estava servindo em Petersburgo. Foi lá que teria nascido a mãe, que era a segunda filha. De acordo com a certidão, consta que a mãe teria nascido na aldeia de Dobra,¹ cuja palavra se ajustava muito bem a ela. Por isso, costumava dizer, não sem orgulho, que quando bem pequena, esteve em Petersburgo.



O avô, por seus vinte e cinco anos de serviço, recebeu do czar duas condecorações importantes: cinquenta rublos por ano e uma carta patente gratuita que lhe permitia abrir uma lojinha na aldeia e de fato, com o direito de morar lá.

O avô tinha muitas filhas e um filho, nenhum deles sabia ler e escrever, com exceção da mamãe. Uma vez pedimos-lhe que decifrasse a charada: "Nenhuma das tias sabe o *ivre*,² como você, mãe, lê tão bem e escreve também?"

A mãe, interrompendo seu trabalho de desplumar as penas e assegurando-se de que o pai não estava ouvindo, recomendando que guardássemos segredo sob sete chaves, nos confessou: "Já aos doze anos eu era empregada doméstica. Tive sorte: servia na cidade de Koil, numa casa decente, de pessoas honradas e boas e as filhas de lá me estimavam (nisto acreditávamos na mãe; quem não a estimava?) e se deleitavam enquanto me observavam quando cortava o macarrão ou trançava a khalá, pão do Shabat, (nisto também acreditávamos na mãe; ninguém conseguia cortar o macarrão e trançar a massa com tanta maestria quanto ela!) e as moças ricas, nubentes, me pediam para ensinar-lhes como cortar o macarrão e trançar as khalás, pães. Enchi-me de coragem e lhes propus um negócio: "Ensinem-me a ler *ivre* e escrever, e eu vou lhes ensinar como se corta o macarrão e se trança as khalás...". Com alegria, as boas moças se deram ao trabalho de me ensinar e eu tive que envidar esforços para aprender.

E não demorou muito para eu escrever para Dobra uma cartinha de próprio punho e lia sofregamente o *Teitch-Khumesch*.³ E a mãe concluiu com um sorriso a revelação do segredo bem guardado. "As moças, até se casarem, não aprenderam a cortar o macarrão nem a trançar as khalás!"

Ainda antes dos seus filhos crescidos trazerem para casa os novos livros judaicos de Scholem Aleikhem, Peretz e Scholem Asch, que ela lia conosco, ela tinha a sua literatura: *O Escolho* e *O mocinho moreno*, de Dinensohn⁴ e os anônimos contos populares de Efraim Greidiguer⁵ e Simkha Plakhte.⁶ Dos dois últimos, ela sorvia prazerosamente como se fosse água fresca e nas longas noites de inverno, enquanto desplumava as penas, ela nos fazia dormir com seus contos.

Quando a mãe lia? Isso se parece com o conto famoso de Avrum Reisen,⁷ "Quando a mãe come?" Na verdade, a mãe não tinha nenhum minuto livre. No inverno, antes do amanhecer, ela já havia estado na padaria (seu único irmão, o tio Hersch,



era um judeu honesto e um padeiro honesto). Enquanto nós, maiores e menores, costumávamos empurrar-nos e acotovelar-nos ao vestir-nos, lavar-nos, para ir ao *kheder* ou ao trabalho, o aroma do pão quente e do café com leite já se espraiava por toda parte. E quando voltávamos do *kheder*, o almoço já estava preparado.

Mesmo na maior miséria, nunca deixamos de almoçar, apesar de provar carne só uma vez por semana – nos Shabats; às vezes, durante a semana, comíamos de olhos fechados, quase enojados, carne da cabeça de algum animal.

Durante o almoço, enquanto os maiores sentavam-se à mesa, nós, os miúdos, nos arranjávamos no chão e a mãe costumava verter a comida do grande caldeirão para nossas tigelinhas. Ela não necessitava lavar nossas tigelinhas – nós as lambíamos e pedíamos:

–Mãe, mais um pouco.

A mãe, radiosa, já tinha sua resposta travessa:

–Você já recebeu mais um pouco! Comilão!

Éramos doze para comer, mas a mãe sempre calculava de forma competente e preparava treze porções – para um pobre andarilho. Para este, ela sempre separava uma porção e a deixava no lume (na chapa). Nunca ocorreu que algum pobre não aparecesse. A mãe bem conhecia a citação do *Teitch- Khumesh*: "Não faltará pobre nesta terra".

O dia inteiro em pé, num trabalho duro, na verdade extenuante: lavava a roupa, levando-a para a calandra, e ela própria passava, deixando as roupas alvas, resplandecentes! Carregava para casa as batatas, o carvão e os feixes de lenha. Quarta-feira à tarde, com fervor e temor, começava a preparar o Shabat: do empório levava o trigo sarraceno e, do açougueiro, um quarto de rês adquirido a duras penas. Durante os cinquenta anos que morara na mesma cidade, ela nunca havia trocado o merceiro ou o açougueiro, nem a vendedora no mercado, a gentia Sobolewska, e, por isso, recebia um tratamento privilegiado.

No dia seguinte, véspera de Shabat, estava sob o mistério do *Cabalat Shabat*.⁸ Esfregava o chão e despejava a areia branca, e com isso lembrava o Baal-Shem-



Tov...⁹ então, sob a magia das khalót, levava-as embrulhadas ao padeiro, o "tio Hersch", como se fossem oferendas para os sacrifícios da Antiguidade. Apressada, a mãe cozinhava na véspera do Shabat para o almoço, uma sopa rala de batatas porque em seguida ela começava sua sessão de encantamento: cortar o macarrão. Nós, os miúdos, costumávamos observar admirados, como a massa fugia sob os seus dedos e quase, quase, que a mãe se cortava.

Depois vinha o *tsholent*,¹⁰ que nós levávamos ao "tio Hersch", e, por fim, a mãe se encarregava com modéstia dos coitados dos peixinhos, cujo aroma de tempero, anunciava que o Shabat estava prestes a chegar em casa. Pronto, a mãe cobria sua face lavada com suas mãos laboriosas que abençoavam as velas do Shabat acesas por ela.

E suas comidas, apesar de cozidas em caldeirões de caserna, tinham um sabor inigualável. Até hoje, não encontro sabor em nenhuma comida de mesas estranhas, e mesmo na própria. O arroz com ameixas da mãe, a sopa falsa de fígado da mãe, seu *Ailkukhen*,¹¹ seus feijões com massinha – comidas de pobretão, mas com que sabor de manjares dos reis!

*

Como nós tratávamos a mãe? Deixem-me contar-lhes pelo menos um (mimo?). Acontecia às vezes da mãe esquecer de comprar alguma ninharia, meia onça de café ou uma caixinha de fósforos. Ainda agora meu rosto se enrubesce de vergonha, quando me lembro da cena que então ocorria:

– Azriel! Desça à loja e traga meia onça de café!

– Por que logo eu? Não vê que estou jogando xadrez com Herschl. Que vá a Mânia!

– Mânia! Desça! Rápido, a água está fervendo!

– Eu sabia! Mãe, não está vendo que estou costurando?

– Guitl! Meir! Schloime!



A mãe se perde com os nomes de seus próprios filhos, já não sabe quem é mais velho, quem é anterior. Resignada, põe o xale na cabeça e desce ela mesma, do terceiro andar, para buscar a meia onça de café. Em quinze minutos ela se esgueira para dentro, envergonhada. Só agora entendo o dito popular: "Uma mãe pode sustentar dez filhos, mas dez filhos não podem sustentar uma mãe...".

Nunca pronunciou uma palavra ruim ou de baixo calão ou uma praga e todos os vizinhos lhe queriam bem. Havia, no edifício, um antissemita obstinado, que só chamava os outros vizinhos judeus de *darmoiades*,¹² mas cumprimentava sempre com respeito a "Heinekhowa". Mas quem admirava muito a mãe era a dona do edifício.

Uma mulher assimilada, que só falava polonês, bem-nascida, muito rica, ela infelizmente não tinha sorte com seus dois filhos: eram idiotas, uns tolos. Em suas salas melancólicas reinava a penumbra, a decadência, o pôr do sol.

Enquanto isso, em nosso lar – vivíamos naquela época num porão – reinava uma alegre alvorada. A dona do edifício, que se chamava Nieszawski, nutria uma ternura sincera pela mãe e entendia, que ela estava bem e que no futuro, ela seria muito feliz, quando apontava para o bando de crianças alegres que brincava. Ela, pelo visto, não conhecia o ditado: "Filhos pequenos – pequenas aflições! Filhos grandes – grandes aflições!"

Até agora foi-me ocultado o segredo do "camponesinho bexiguento".

Aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial. A cidade, a capital da região de Kuiawa, opulenta e rica, estava ocupada pelos alemães. Não pelos nazistas alemães da Segunda Guerra Mundial, mas os do Kaiser Guilherme. Grandes santos, eles também não eram: eles confiscavam o trigo, as reses e as aves. As pessoas passavam fome e caíam como se fossem moscas de febre tifoide, todos os nossos vizinhos caíram enfermos, e que Deus nos livre!, muitos faleceram. Não íamos ao *kheder*, porque as criancinhas se esvaíam de fome. Mas vejam o milagre: o tifo se deteve diante de nossa porta. Sem mau olhar, apesar do grande número de pessoas e do aperto, ninguém de nós adoeceu. A mãe tinha uma explicação para isso: "O pão do tio Hersch". Mas eu penso por causa do "camponesinho bexiguento".



De onde ele surgiu? Dele emanava algo de Eliyahu Hanove.¹³

Uma vez, a porta de nosso lar foi aberta – vivíamos então no terceiro andar – e se apresenta o camponesinho, bexiguento, com um saquinho alvo como a neve, e pergunta:

— *Tu mieszka Heinechowa?* Aqui mora a Heinekhova? Mirando as criancinhas atônitas ao redor, ele abre o saquinho alvo e mostrara as ervilhas brilhantes e pedia:

— *Uvajite, uvajite.* Cozinhe-as, elas ficam macias.

Foi assim que começou. Durante os quatro anos de guerra, o camponesinho bexiguento, por um preço extremamente barato, trazia todas as terças-feiras pela manhã, no mesmo saquinho branco, ora grãos de cevada, ora feijões, ora ervilhas e sempre pedia: "*Uvajite, uvajite*".

Os vizinhos ávidos, entre eles ricos especuladores de guerra (alguns também pobres e famintos), costumavam abordar o camponês bexiguento na escada e uma vez até fecharam o portão e quiseram enfiar em suas mãos o dobro, o triplo do valor. Ele então levantava para o alto o saquinho branco e piscava os olhos:

— *Ola boga! Dlia Heinekhowej!* Por Deus! Isto é para a Heinekhte.

*

No que se refere às comemorações religiosas, a mãe tinha sua própria filosofia. Era considerável o esforço que a festa lhe exigia. Se para nós, gente miúda, *Pessakh*¹⁴ era a comemoração mais festiva, a festa mais patética, para a mãe era uma espécie de ida à guerra, relacionada com toda sorte de riscos e com os tostões contados, ela precisava providenciar o *Pessakh* para uma legião de comilões, e para ela, isto se iniciava já na época de Khánuca, quando ela estufava os gansos para ter gordura para o *Pessakh*. Uma empregada, vocês imaginam, nós não tínhamos e a mãe enfrentava tudo sozinha, e com suas próprias mãos fazia tudo: tornava as panelas *kasher* com pedras incandescentes, fazia conservas do saco de beterrabas, um barril inteiro. Adquiria vários *shok*¹⁵ de ovos, as aves, dois *puds*¹⁶ de *matzes*¹⁷ e *raibekhts*.¹⁸ Para ela, tudo se resumia na palavra trabalho. *Prace*.¹⁹ E enquanto nós comemorávamos lindamente o *Seider*, suas mãos se curvavam de cansaço, junto à



"coluna cervical" – os dias festivos se resumiam, para ela, em fritar, ralar, amassar, lavar louça, enquanto nós, com nossos muitos pecados, fazíamos barulho, discutíamos, flertávamos com as meninas, íamos ao teatro. Não é à toa que a mãe tinha sua definição a respeito do sagrado último dia de *Pessakh*, quando se reza pelas almas: "Um cesto vazio de *matzes* e um cesto cheio... de roupas sujas.

E de fato, logo após o término da comemoração, a mãe se postava junto ao tanque. A melhor comemoração para ela, pode-se dizer, o melhor dia do ano, era *Iom Kipur*.²⁰ Apesar de religiosa, ela não temia o Dia do Julgamento. Ela bem sabia que não seria castigada. Que outros eram o alvo. Por outro lado, jejuar, para ela, era um brinquedo de criança. Arrumada, pode-se dizer alegre, ela comparecia à sinagoga bem cedo. Uma delícia! Descansa-se o dia inteiro, inteiro! Sem panelas, sem acender o fogo e pode-se sorver deliciosamente o *Taitch Makhzor*,²¹ as *Techines*²² e o que o "nosso Senhor do mundo" (Rabi Bekhai) diz. Ansiosa e assustada, via o *Iom Kipur* findando, chegando a *Neile*, última parte das orações de *Iom Kipur*.

*

Vamos contar um episódio, que me calou profundamente na memória, e que caracteriza, como um espelho, sua fisionomia espiritual e moral. Durante a Primeira Guerra Mundial, a cidade, em poucos meses, passava rapidamente ora aos russos, ora aos alemães; enquanto os russos – os cossacos de dragonas amarelas, os terríveis cossacos do Don, ocuparam a cidade – os judeus tremiam de medo! – os cossacos abusavam demais das lojas judaicas, das barbas judaicas e atemorizavam as mulheres judias.

Meu pai, que descansa em paz, era sapateiro bem conhecido na cidade e vivíamos na rua principal, apesar de ser no terceiro andar.

Certa vez, ficamos chocados: a porta se abre e soldados russos invadem o recinto, o quarto cheio. Entre eles, os "dragonas amarelas", os cossacos do Don. Eles vieram todos consertar as suas botas – pregar solas.

Assustado, eu me agarrava à mãe na cozinha. Mas aí eu percebi um ato extraordinário da mãe: ela rapidamente encheu uma grande vasilha de água e colocou-a para ferver. Passada meia hora, ela serviu aos soldados um café quente e saboroso e, a cada um, um torrão de açúcar!



Quietos, os soldados sorriam a chicória,²³ tiravam as botas modestamente e pacientemente calados, observavam o pai pregando as solas.

Assim passou metade do dia. Finalmente, a pregação de solas terminou e começou uma discussão: o pai não queria receber e eles não queriam o serviço e o couro de graça. Enquanto isso, a mãe conseguiu lavar e trocar as polainas rasgadas por outras, que ela, de alguma maneira, encontrou entre seus trapos. Por fim, os cossacos pagaram, agradeceram muito e se despediram.

Logo após a saída deles, vieram correndo judeus, que se aglomeravam assustados na rua. Os soldados russos permaneceram tanto tempo na casa de Heinekht, quem sabe o que pode ter ocorrido ali?

Mais tarde, a cidade comentou acaloradamente o ocorrido. Alguns judeus diziam: “Afim, só a Heinekhte poderia consegui-lo; quem pode comparar-se a ela?”

*

A mãe possuía uma energia física inesgotável, provavelmente desde o tempo da aldeia. Nunca adoecia (ela costumava gracejar que não tinha tempo para isso) e não fossem os partos, ela não teria gasto um tostão na farmácia. Nunca precisou sequer de um lenço, nunca ficava resfriada, embora corresse nas noites profundamente geladas, saindo direto de perto do fogo.

Ela me contava, prazerosamente, como certa vez, aos dois anos, adoeci e o médico recomendara que eu não comesse nada. “Depois veremos”. Assim o médico se foi, eu teria ficado em pé no berço conseguindo alcançar com as mãos a mesa, onde se encontravam restos do almoço. Enchi a boca de batatas e a mãe o permitiu apesar da recomendação médica. Eu sarei logo, conta a mãe.

Quanto a isso se diz: um coração de mãe...

Alguns anos antes do seu falecimento, já no Brasil, ela sofria de uma doença ocular, glaucoma. Essa é uma doença extremamente dolorosa, mas ela jamais se queixou, mesmo quando lhe extirparam um olho.

A mãe, Senhora Ester, filha do Senhor Meir Itzhak, que descansa em paz, faleceu aos 87 anos, exatamente quando um de seus filhos foi designado delegado junto a



um congresso sionista no Rio de Janeiro. O filho recebeu o telegrama e deixou a reunião.

O presidente da reunião prestou uma homenagem fúnebre à mãe e todos os delegados se levantaram para um minuto de silêncio, o que constou da ata da reunião sionista.

Com estas poucas páginas, bastante tardias, queria apenas livrar-me do sentimento de culpa que me acompanha por toda a vida – pagar uma parte pequena, insignificante, da minha dívida para com a minha mãe.

Que estas linhas sirvam para honrar todas as nossas mães, e esperamos que as nossas jovens mães, as das novas gerações, não abandonem os hábitos e as boas ações das mães das gerações anteriores, Amém!

Tradução: Dina Lida Kinoshita

* **Meir Kucinski** foi escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, Kucinski imigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976. Vários de seus contos, alguns deles premiados, foram publicados no Brasil, traduzidos para a língua portuguesa, na coletânea *Imigrantes, mascates & doutores*, com organização e seleção de Hadassa Cytrynowicz e Rifka Berezin, e em *O conto ídiche no Brasil*, organizado por Genha Migdal e Hadassa Cytrynowicz.

Notas

¹ Dobra, em russo, significa “boa”.

² *Ivre taitch*: tradução de textos sagrados para o ídiche arcaico.

³ *Teitch-Khumesh*: tradução do Pentateuco para o ídiche, usada pelas mulheres.

⁴ Jacob Dinensohn: escritor judeu-polonês, principal expoente de populares romances sentimentais (1856-1919).

⁵ Efraim Greidiguer: popular personagem folclórico.

⁶ Simkha Plakhte: personagem de um livro de Joseph Opatóshu, escritor que retratava os extratos mais baixos do *East Side* bem como tipos nacionais de estilo peretziano (1887-1954).



⁷ Avrum Reisen: poeta, contista e jornalista de língua iídiche que desfrutava de grande popularidade entre as camadas proletárias e nos meios socialistas judaicos do Leste europeu.

⁸ *Cabalat Shabat*: comemoração do Shabat, na sexta-feira, ao pôr-do-sol, com rezas.

⁹ Baal Shem Tov: nome popular do fundador do movimento hassídico, Reb Israel de Miedziborz (1700-1760).

¹⁰ *Tsholent*: comida típica preparada com carne, batata, cevada e feijão branco que cozinhava vagorosamente no forno de sexta-feira até o almoço de Shabat ininterruptamente.

¹¹ *Ailkukhen*: tipo de bolo feito com óleo.

¹² *Darmoiades*: parasitas.

¹³ Eliyahu Hanove: o Profeta Elias

¹⁴ *Pessakh*: Páscoa judaica.

¹⁵ *Shok*: sessenta.

¹⁶ *Puds*: antiga medida russa de massa.

¹⁷ *Matzes*: pães ázimos.

¹⁸ *Raibekhts*: mais conhecido como farfel, espécie de massa.

¹⁹ *Prace*: trabalho, em polonês.

²⁰ *Iom Kipur*: Dia do Perdão.

²¹ *Taitch Makhzor*: livro de orações para *Iom Kipur*, traduzido para o iídiche.

²² *Techines*: *As súplicas*, orações em iídiche para mulheres.

²³ A chicória era misturada ao café que era muito caro.